

GOVERNANÇA CORPORATIVA PARA A GESTÃO FINANCEIRA

Danillo Miguel de Sales Santos

Hugo Silva Ferreira

Jerry Antônio Raitz Maier

Francisvalda Rosa de Jesus

RESUMO

O objetivo deste trabalho é destacar a importância da governança corporativa para a gestão financeira das organizações empresariais. Nesse sentido, uma pesquisa do tipo bibliográfica foi escolhida como metodologia. A governança corporativa enseja a credibilidade das organizações por meio da disponibilização das informações financeiras que determinam as tomadas de decisão de seus clientes internos e externos. Nesse caso, o gestor financeiro que a prática como forma de governança, precisa evidenciar características e competências voltadas para a ética e a transparência a fim de que o desempenho financeiro da organização seja alcançado mediante a visão sistêmica e correlacionada aos setores internos e externos das empresas, permeada tanto para as boas práticas de governança quanto para o aumento de capital de investimento. Dessa maneira, a governança corporativa tem o papel importante de contribuir para as organizações quanto a minimização dos riscos, do endividamento e o aumento do valor de mercado das empresas que a praticam, pois a observam como fator de respeito aos que investem seu capital em um negócio visando a rentabilidade de seu investimento.

Palavras-chave: Governança corporativa, Gestão financeira, Riscos.

1 INTRODUÇÃO

É fato que, independentemente do ramo de atuação, os riscos. O endividamento e a queda em seu valor de mercado sempre sondam as organizações devido a sua heterogeneidade que influencia no desempenho. Contudo, existem estratégias de gestão específicas que podem minimizá-los e aumentar o desempenho financeiro. Uma dessas estratégias, a Governança Corporativa (GC) para a Gestão Financeira (GF), tem suma importância, nesse sentido.

Também abordada no Brasil, a GC é uma prática de boa governança porque estreita os laços entre gestores controladores e gestores investidores, permitindo a transparência e a ética que faz com que os investidores queiram ou não participar como acionista de empresas e, dessa maneira, incrementam o capital de investimento de empresas emergentes (Silva *et. al.*, 2017) e de países em desenvolvimento (Nascimento *et. al.*, 2018).

Assim, o objetivo deste trabalho é destacar a importância da GC para a GF das organizações empresariais. A partir de uma pesquisa bibliográfica, o trabalho foi desenvolvido em função de entender a importância da Gestão Financeira Global para a tomada de decisão, perceber as características do *Chief Financial Officer* (CFO), entender a dinâmica da GC e analisar a influência no tratamento de dados e informações para atuação no mercado financeiro e, finalmente, do delineamento das conclusões deste estudo.

2 GOVERNANÇA CORPORATIVA

Diferentes construtos são criados em função das necessidades do mercado marcada por crises econômicas. Dentre esses, construtos, a Governança Corporativa (GC) é uma teoria dinamizadora de recursos tangíveis e intangíveis das organizações. A grosso modo, ela equivale a uma “[...] nova maneira de organizar as relações entre as empresas e o mercado financeiro” (Grün, 2003, p. 139).

Melo *et. al.* (2013) também destacam essa relação recursos tangíveis e intangíveis em que a GC estabelece ligação com o desempenho da empresa. Considerando que esta estratégia é intrínseca às teorias anteriormente concorrentes na área da Administração, o autor considera que atualmente elas engendram a contribuição destas teorias e adicionam a GC como forma de uma gestão estratégica pautada na Teoria das Competências Dinâmicas, devido ao [...] seu papel de coordenação da interdependência dos recursos tangíveis e intangíveis da firma (Melo *et. al.*, 2013, p. 84). Ou seja, a dinâmica da GC consiste no fato de que empresas têm de adotar um modelo de gestão que evidencie sua situação contábil e o respeito aos sócios minoritários a fim de que situações mercadológicas desvantajosas sejam consideradas no que diz respeito a mudanças no ramo do negócio ou na região de investimento, como dimensão pautada no direito dos acionistas, ética e transparência entre gestores e acionistas.

Até porque, Nascimento *et. al.* (2018) destacam que essa concepção de governança tem relação positiva com o valor da empresa no mercado. Em seu estudo sob a ótica da relação entre GC, risco e endividamento e os impactos no desempenho financeiro e valor das organizações brasileiras listadas na BM;FBOVESPA, entre 2013-2015, Nascimento *et. al.* (2018, grifos dos autores, p. 168) destacam que, no que concerne às empresas de maior porte, há relação entre a GC e o “‘Endividamento’ e ‘Valor de Mercado’, ‘Risco’ e ‘Desempenho Financeiro’ e entre ‘Governança’ e ‘Valor de Mercado’”. Ao passo que, para as empresas de menor porte, essa relação se dá entre ‘Risco’ e “‘Valor de mercado’, ‘Governança’ e ‘Desempenho Financeiro’ e entre ‘Governança’ e ‘Risco’” (Nascimento *et. al.*, 2018, p. 168).

Em consonância com a variável porte para a evidência de boas práticas de GC, isto é, uma gestão pautada em “[...] transparência, equidade, prestação de contas (*accountability*) e responsabilidade corporativa [...]” (IBGC, 2015 como citado em Silva *et. al.*, 2017, p. 55), que influencia nessas variáveis quanto ao porte da organização, Silva *et. al.* (2017) consideram, como resultados de sua pesquisa, que as empresas maiores tendem a mantê-las devido ao fato de que estas organizações ficam suscetíveis aos investidores externos. Logo, essas práticas evidenciam uma gestão financeira global para a tomada de decisões que não é permeada pelo

conflito de interesses de seus clientes internos e externos, que, por sua vez, visam a rentabilidade e sobrevivência da organização.

Segundo Nascimento *et. al.* (2018), outra variável que contribuiu para a análise entre GC, risco, endividamento e valor de mercado, é o tempo, no qual o controle do ano demonstrou instabilidade política e econômica.

Percebe-se, nesse caso, que, conforme os autores ponderam, o porte e o tempo são variáveis que precisam subsidiar a relação entre GC e fatores importantes para a sobrevivência das organizações e seus investidores. O que ocorre a partir de uma visão sistêmica do que é a GC, demandando atores e ações específicas em função de uma análise crítica sobre seus processos.

2.1 CARACTERÍSTICAS E COMPETÊNCIAS DO *CHIEF FINANCIAL OFFICER*

Responsável por todas as ações financeiras, o CFO contribui e participa das tomadas de decisões e gerencia despesas e receitas de uma organização, e vem ocupando um lugar de substancial importância na hierarquia organizacional, nos últimos tempos.

Suas características e competências englobam aspectos que envolvem a previsão e a análise para gerenciamento de riscos na orientação acerca das tomadas de decisão quanto a investimentos feitos pela, para e na empresa em âmbito contábil, administrativo e econômico. A experiência em uma dessas áreas específicas de formação acadêmica pode contribuir para ampliar a atuação como CFO. Como por exemplo, as exceções encontradas na pesquisa de Campelo *et. al.* (2011) quanto ao tempo de experiência e previsão relacionados ao grau de entendimento dos gestores financeiros de empresas do setor elétrico quanto às informações contábeis qualitativas para a tomada de decisões que, sobremaneira, ensejam características deste profissional quanto ao valor preditivo e ao valor de *feedback*. Mediante as transformações mercadológicas decorridas, é importante, portanto, acrescentar que existem outras características e competências a serem evidenciadas e desenvolvidas pelo CFO além do gerenciamento de risco e o talento para orientar decisões a partir da experiência e formação acadêmica conforme apontam Campelo *et. al.* (2011): domínio da tecnologia, capacidade de gerir pessoas, aptidão para estabelecer estratégias e a facilidade de adaptação⁵⁸.

⁵⁸ Disponível em: <https://syhus.com.br/2018/01/25/cfo-do-futuro-6-caracteristicas-e-habilidades/>. Acesso em: 21 Mar.2021.

2.2. GESTÃO FINANCEIRA GLOBAL PARA A TOMADA DE DECISÃO

Conforme destacado, a GC é desenvolvida por mecanismos de gestão que ensejam a intrínseca relação entre os interesses dos gestores e acionistas. Interesses estes que, uma vez conflitados, permitem que situações de risco para os negócios instaurem-se nas organizações.

Uma gestão econômico-financeira com boas práticas de GC, baseada no fornecimento de informações para seus usuários a fim de que as tomadas de decisão sejam permeadas por elas. Este mecanismo considera os clientes internos e externos, minimizando os riscos.

Neste sentido Santos, Vasconcellos e De Luca (2015, como citado em Silva *et. al.* 2017, p. 56) ponderam o “[...] risco associado ao conflito de interesses e o risco da assimetria informacional como os dois principais tipos de riscos decorrentes da internacionalização e que tendem a elevar os custos de transação das empresas”.

Dessa maneira, tanto gestores controladores quanto gestores investidores podem, a partir da informação, planejar e projetar suas finanças e investimentos em função da lucratividade, rentabilidade e sobrevivência dos seus negócios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em um mercado competitivo e informacional, a GC contribui para que a credibilidade das organizações seja evidenciada a partir de dados financeiros que determinam a tomada de decisões tanto por parte de seus gestores controladores quanto gestores investidores.

Uma vez que o CFO contribui para a tomada de decisão nas organizações, com práticas deste tipo de governança, pautadas no setor financeiro e de investimento, suas características precisam estar voltadas à ética, à transparência e também focada no direito dos acionistas a fim de que o desempenho financeiro seja alcançado a partir da análise sistêmica e correlacional entre estes setores internos e externos da organização. O principal ator deste processo, o CFO, vale-se de mecanismos de boa governança importantes tanto para demarcar boas práticas de governança quanto de aumento do capital acionista nas empresas e, conseqüentemente no país em que essas empresas são localizadas.

Essa observância contribui para minimizar riscos, endividamento e aumentar o valor de mercado de empresas que praticam os mecanismos da GC pois permitem que os investimentos incrementem a economia e a sobrevivência das organizações que a observam como fator de respeito aos que investem seu capital em um negócio visando a rentabilidade de seu investimento.

REFERÊNCIAS

CAMPELO, K. S.; LIBONATI, J. J.; SANTOS, R.; LAGIOIA, U. C. T. (2011). Características qualitativas da informação contábil: uma análise do grau de entendimento dos gestores financeiros de empresas do setor elétrico brasileiro. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 16, n. 4, p. 11-29. Available: <https://bu.furb.br/ojs/index.php/rn/article/view/1570/1908>. [Accessed 21 March 2021].52-64

CFO do Futuro: 6 características e habilidades para desenvolver já; Available: <https://syhus.com.br/2018/01/25/cfo-do-futuro-6-caracteristicas-e-habilidades/>. [Accessed 21 March 2021].

Grün, R. (2003). Atores e Ações na Construção da Governança Corporativa Brasileira. *RGBS*, v. 18, n. 52. Available: <https://www.scielo.br/pdf/rbcso/v18n52/18070.pdf>. [Accessed 13 February 2021].

MELO, R. S.; BATISTA, P. C. S.; MACEDO, A. C. M. COSTA, R. B. L. REGE, São Paulo, SP, Brasil, v. 20, n. 1, p. 79-92, 2013. Available: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1809227616302223>. Acesso 10 fev. 2021.

NASCIMENTO, J. C. H. B.; ANGOTTI, M.; MACEDO, M. A. S.; BORTOLON, P. M. (2018). **As relações entre Governança Corporativa e endividamento e suas influências no desempenho financeiro e no valor de mercado de empresas brasileiras**. Available: <http://asaa.anpcont.org.br/index.php/asaa/article/view/366/206>. [Accessed 20 February 2021].

SILVA, F. F.; CELESTINO, E. J. M.; MELO, C. L. L. MÓL, A. L. R. Influência das variáveis de gestão econômico-financeira e de internacionalização na governança corporativa das companhias listadas na BM;FBOVESPA. **RMC – Revista Mineira de Contabilidade**, v. 18, n. 3, p. 52-64, set./dez. 2017. Disponível em: <https://revista.crcmg.org.br/rmc/article/view/681/437>. Acesso: 21 Mar. 2021.